

REPRESENTAÇÃO DA PROFESSORA EM JOSÉ DE ALENCAR (ROMANCE *TIL*)

ULYSSES ROCHA FILHO (UFG/FL - FAPEG)

RESUMO: O objeto desta comunicação é a apresentação da figura de uma professora/educadora, por nós denominada leiga, no romance romântico de José de Alencar (1829- 1877) bem como, minimamente, ressaltar seu discurso, a constituição dessa profissão nos idos do Império brasileiro. Sempre seguindo as trilhas *bakhtinianas* de que a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor e a expressão do indivíduo é um produto de várias vozes interligadas, mencionaremos desde como “preparava” suas aulas, sua transposição didática rudimentar e abordagem no incentivo e na orientação do aprendizado pelos alunos. A presente interlocução, baseada nos preceitos literários e pedagógicos, é produto parcial do projeto de pesquisa *A figura do professor na literatura brasileira – primeiros momentos*, registrada sob nº 29568/SAPP-UFG.

PALAVRAS – CHAVE: literatura e ensino da língua, José de Alencar, letramento literário.

ABSTRACT: The object of this communication is the presentation of the figure of a teacher/educator, for us called layperson, in the romantic romance of Jose de Alencar (1829 - 1877) as well as, minimum, standing out its speech, the constitution of this profession in the gone ones of the Brazilian Empire. Following the *bakhtinianas* tracks of that the word is the common territory of the speaker and the interlocutor and the expression of the individual it is always a product of some linked voices, we will mention since as “it prepared” its lessons, its rudimentary didactic transposition and boarding in the incentive and the orientation of the learning for the pupils. The present interlocution, based on the literary and pedagogical rules, is partial product of the research project *A figura do professor na literatura brasileira – primeiros momentos*, registered under nº 29568/SAPP-UFG.

WORDS - KEY: literature and education of the language, Jose de Alencar, literary literacy.

REPRESENTAÇÃO DA PROFESSORA EM JOSÉ DE ALENCAR (ROMANCE *TIL*)

ULYSSES ROCHA FILHO¹ (UFG/FL - FAPEG)

“A educação é, em suma, a obra de um pensamento calculador e de uma ação técnica onde se trata de conseguir um produto real mediante a intervenção calculada em um processo concebido como um campo de possibilidades.

¹ Profº Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão-Go. E-mail: ulysses.rochafilho@gmail.com

Definitivamente, uma prática técnica, na qual o resultado deve produzir-se segundo o que foi previsto antes de começar”. (LARROSA, J. 1998, p.81)

1. Introdução:

Escrever a respeito da figura da professora, em tempos idos, idade romântica, parece mais complexo do que se pode imaginar e, certamente a complexidade aumenta quando o parâmetro para a definição parte do princípio de que é aquele que tem o papel de ensinar. E ensinar de forma empírica, sem o aporte teórico, de forma intuitiva. Este artigo é um recorte de obras da literatura brasileira, em especial o romance *Til* (1872), do autor romântico José de Alencar (1829-1877), que apresentam protagonistas como personagens professores, incluindo métodos de ensino e como se desenvolveu o processo histórico da educação brasileira além de uma visão parcial de um professor frente a sala de aula em idos de reclusão e censuras morais (*O ateneu*, *Menino de Engenho*, *Sítio do Picapau Amarelo*, *Abdias* e tantos outros).

A mestra a quem estamos referindo, é personagem de romance clássico e apresenta todas as características formais do período a que está inserida _ seja na descrição física ou no espaço a que está vinculada (fazenda do interior do país, época de aventura e descobertas do século XIX). Sua descrição já apresenta essa ênfase romântica:

Era ela de pequena estatura e tão delgada e flexível no talhe, que dobrava-se como o junco da várzea. As formas da graciosa pubescência, que um corpinho justo debuxaria em doce e palpitante relevo, as dissimulava o frouxo corte de uma jaqueta de flanela escarlate com mangas compridas, e desabotoada sobre um camisote liso, cujos largos colarinhos se rebatiam sobre os ombros, à feição dos que usavam então os meninos de escola. (ALENCAR, 2007, p.06).

O Profissional do ensino do sexo masculino, provavelmente mais antigo (e nem protagonista é) tem presença marcante em *O ateneu*, de Raul Pompéia (1863-1895) e é caracterizado com a aparência física desagradável (bem diferente da figura idealizada da mocinha romântica de José de Alencar). Da descrição do ser à desarrumação da sala de aula, perpassando pela (péssima) pedagogia apoiada na violência exercida contra os adolescentes e na repetição de conteúdos concretizados entre as quatro paredes de *O Ateneu*, sempre nos inquieta pelo teor da denúncia:

Era esse um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de óculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos por dá cá aquela palha. Por isso era um dos mais acreditados na cidade. (...) Era um sábado: (...) chegaram os dois exatamente na hora da tabuada cantada. Era uma espécie de ladainha de números que se usava então nos colégios, cantada todos os sábados em uma espécie de cantochão monótono e insuportável, mas de que

os meninos gostavam muito. As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos, faziam uma algazarra de doer os ouvidos; o mestre, acostumado àquilo, escutava impassível, com uma enorme palmatória na mão, e o menor erro que algum dos discípulos cometia não lhe escapava no meio de todo aquele barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando o erro cometido, e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orquestra ensinando a marcar o compasso. (ALMEIDA, 1963. p. 55-56.)

Entretanto, em diversas obras da literatura nacional, a presença da Professora se faz presente. De forma inovadora, questionando as revoltas populares e implantando uma maneira especial de ensinar aos menos favorecidos (não estamos tratando aqui do ensino institucionalizado!)

2. Desenvolvimento:

Muitas vezes, sem formação (leiga) tal como se nos apresenta a obra *alencariana* em epígrafe. Obviamente que a realidade brasileira vai corroborar na caracterização dessa figura vez que a profissional espelha a realidade sócio-econômica do país. Em se tratando de época do Brasil pós-colonial, sem políticas educacionais idealizadas e em ambiente hostil, a presença infantil da mestra Berta ilustra o início da educação no país. Berta, vivendo em ambiente hostil, ladeada de pobreza e escravos massacrados pela miséria humana, tenta ensinar rudimentos de leitura e capacidade de escrita, de somar e interpretação às crianças que vivem na fazenda de seu pai.

É sempre um desafio percorrer os meandros da linguagem, mais desafiante ainda é percorrer estes espaços sob o viés interdisciplinar. Ao tratar das relações intertextuais na narrativa dita moderna, há de se esclarecer alguns conceitos teóricos sobre a intertextualidade, sobre a polifonia e o dialogismo.

Segundo Eurico Back (BACK, 1987), o professor é um iniciador dos processos de aprendizagem, auxiliando atividades discentes, o professor tem como função de intermediário entre os pais e a futuro da sociedade, podemos verificar que esses pressupostos dialoga com o que se espera de um educador. Ainda para o teórico ele diz:

Bom professor é aquele que vai do fácil para o difícil; coloca-se ao nível dos alunos e procura elevá-los; ensina com paciência e carinho infinitos; não passa para lição seguinte, enquanto os alunos não dominarem a precedente; não é máquina para despejar programa, mas utiliza o programa como instrumento para alcançar os objetivos; faz de tudo para que os alunos não possam errar; anima os alunos de sucesso; elogia sempre os que esforçam e que acertam; sua punição é ausência de elogio; faz o aluno trabalhar e conquistar; não dá soluções prontas; não ensina para as quatro paredes, mas educa para a vida; não se preocupa com a soma de conhecimentos para raciocinar e resolver problemas; não é rotineiro; convence mais por suas atitudes do que por palavras; leciona segundo objetivos; avalia segundo o rendimento escolar (BACK, 1987, p.172-173)

A nosso entender, são proposições que terminam por revelar o real significado do Profissional da Educação junto a qualquer comunidade. Ou seja: deixando de lado a possibilidade dessa profissão, hipoteticamente, ser um dom, podemos supor que Professor é alguém que gosta de compartilhar o que sabe com o outro, de forma racional.

Um estudo sobre os processos intertextuais e polifônicos remeterá, obrigatoriamente, a Mikhail Bakhtin (2000) _ teórico da língua e da literatura. Em seus escritos, nota-se sua preocupação em mostrar o quanto a linguagem tem de dialógica, vez que Bakhtin não vê a língua como um sistema abstrato, mas como uma criação coletiva, parte de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”.

No caso do romance de José de Alencar, vemos a figura da Professora Berta, alcunhada de *Til* pelo alfabetizando Brás, em um ambiente rural e parco de recursos, em contato com a realidade rural do século XIX decidindo, de forma primária (e às vezes utilizando o próprio chão) a rabiscar as letras do alfabeto e alfabetizar pessoas no seu habitat:

Tirando do balaio uma varinha de peroba em forma de flecha, que lhe servia para esticar o pano, quando tomava o ponto às meias ou cerzia a mais roupa, Berta começou a traçar no chão as letras do alfabeto. À proporção que Brás acertava com o nome de cada letra, a ia apagando a mestra gentil com a ponta do pé buliçoso e faceiro, para escrever outra e outra até o fim do abecedário, como se costuma nas escolas sobre a ardósia. O grande esforço, que faz o idiota para decifrar as letras e sílabas, ressalta-lhe do rosto contraído. As feições de ordinário balordas e flácidas, como abandonadas à sua materialidade pela ausência do espírito, as confrange neste momento a tensão violenta do bestunto porfiando romper a rija crosta que o empederniu. (ALENCAR, 2007, p.86).

(...)

- Esta letra, Brás!... Não se lembra?... Olhe para mim, olhe bem! O que estou fazendo?...

-Rindo!

-Então que letra é?

-Erre?... dizia o rapaz depois de lenta cogitação.

- Isso mesmo (ALENCAR, 2007, p.86).

No capítulo XXIV, intitulado *A lição*, vemos como a personagem Berta educa o deficiente Brás e com o todo cuidado especial, faz toda uma diferença no método pedagógico de ensinar, mesmo apesar de toda precariedade, ela desempenha seu papel de forma correta, pelo menos na visão dela:

Sentara-se a menina em um pedaço de alto pranchão, que aí tinham colocado para servir de banco; e suas mãos sutis e ligeiras tomavam o ponto às meias, ou serziam e remendavam a outra roupa lavada, que precisava de conserto e

enchia o balaio posto a seu lado na ponta do tabuão. (ALENCAR, 2007, p.83-84)

Era sem dúvida a primeira vez que o Brás dizia certa a oração, pois no gesto da menina, onde vislumbrara uma vaga inquietação, derramou-se grande contentamento pelo triunfo obtido sobre a fatalidade que encadeava aquele espírito bronco.

- Assim, Brás! disse a gentil mestra desfolhando-se, como uma bonina, em ledos sorrisos.
- Til contente? - perguntou timidamente o rapaz, com certa brandura de voz, que desvanecia o tom brusco e explosivo.
- Muito!... (ALENCAR, 2007, p.83-84)

Destarte, os analistas da educação brasileira afirmam que, somente no final do Império e começo da República, delineia-se uma política educacional, fruto do fortalecimento do Estado. Até então, a política educacional era feita quase que exclusivamente no âmbito da sociedade civil, pela Igreja Católica. Durante a Colônia (1500-1822), a educação assegurava o domínio dos portugueses sobre os índios e negros escravos. No final deste período e durante o Império (1822-1889), delineia-se uma estrutura de classes, e a educação, além de reproduzir a ideologia, passa a reproduzir também esta estrutura de classes. A partir da Primeira República (1889-1930), ela passa a ser paulatinamente valorizada como instrumento reprodutivo das relações de produção.

Até os anos 20, do século XX, a educação brasileira comportou-se como um instrumento de mobilidade social. Os estratos que detinham o poder econômico e político e a utilizavam-na como distintivo de classe. As camadas médias procuravam-na como a principal via de ascensão social, prestígio e integração com os estratos dominantes. Nesta sociedade, ainda não havia uma função «educadora» para os níveis médios e primários, razão pela qual eles não mereceram atenção do Estado, senão formalmente. A oferta de escola média, por exemplo, era incipiente, restringindo-se, praticamente, a algumas iniciativas do setor privado.

O processo de ensinar, adotado por Berta, continua no capítulo seguinte (XXV), intitulado O idiota. Ali verificamos um avanço do personagem Brás em relação ao ensino-aprendizagem diferente do exemplo transcrito anteriormente.

Naquele instante ela era sobretudo mestra; ou mais que mestra, pois não ensinava somente, senão que tirava do caos dessa animalidade confusa e revolta o balbuciar de uma razão sopita. Era quase uma criação a obra sublime, a que se dedicava, de plasmar do mostrengo um ser humano. (ALENCAR, 2007, p.83-84)

No fragmento próximo, o que se considera é outra forma de ensinar no que se alude a uma sala de aula mais repressora, a base de palmatória. Processo este realizado pelo professor

Domingão², nada convencional por dois motivos: um por se tratar de deficiente mental; outro é pela metodologia embasada como no “a ferro e fogo” _ característica da educação do século XIX, acarretando sérios problemas na sua formação escolar, social etc. Fiel às tradições da antiga profissão, entendia ele lá de si para si que um bom processo de ferrar bestas devia ser por força excelente método de ensinar a leitura e a tabuada: e fossem tirá-lo dessa idéia! Assim encaixava o abecê na cachola do menino com a mesma limpeza e prontidão com que metia um cravo na ferradura. Era negócio de dois gritos, um safanão e três marteladas. Tal era o professor, a quem foi incumbida a tarefa de ensinar a ler ao Brás. Depois dos três primeiros dias de indulgência, pôs o ferrador em prática o seu método repentino, que desta vez, com pasmo seu, falhou completamente. "Nunca, em sua vida, dizia ele, tinha encontrado um jumento de casco tão rijo". Debalde o Domingão brandiu a pesada palmatória de guarantã, e ferrou uma chuva de formidáveis carolos na cabeça do Brás; não conseguiu dele em um mês que repetisse o nome das três primeiras letras (ALENCAR, 2007, p.88).

Ressaltamos que Domingão representa o ensino baseado nas palmatórias, na repetição e na temática do medo. Por isso, Brás não consegue repetisse o nome das três primeiras letras. É contraproducente, não é o exemplo que estamos elaborando de ser professor. *Nunca, em sua vida, dizia ele, tinha encontrado um jumento de casco tão rijo.* (ALENCAR, 2007, p.88).

O teórico Larrosa (1998) afirma que a forma de trabalhar o aspecto da lição na sala de aula ou outro ambiente em que se assemelhe, é de extrema importância. É na sala de aula (ou ambiente que o valha!) que se desenvolve uma íntima relação de amizade entre o professor, livro, a lição e o aluno, deixando que os significativos gestos de liberdade se valendo de um instrumento de grande peso que é a palavra possam romper os caminhos desbravando os conhecimentos que surgem durante o processo ensino-aprendizagem.

O objetivo da lição é proporcionar que o aluno aprenda, de forma sistemática e agradável. O romancista José de Alencar, quando apresenta o capítulo *O abecê* da obra *Til* explica a nomenclatura da obra: a analogia e uma brincadeira a respeito do sinal de acentuação (~):

Quis Berta, para livrar o pobre rapaz dos bolos e repelões do mestre, ensinar-lhe todas as manhãs a lição; e nesse desígnio preparou-lhe uma carta. Continuaram as cenas da escola; e repetiram-se as visagens e gaifonas à vista do til; porém desta vez em maior escala, pela liberdade em que estava o parvalhão do rapaz. No seu afã de imitar o sinal, que tanto lhe dera no goto, virava cambalhotas e corcoveava pela grama (ALENCAR, 2007, p.89).

Ninguém sabe o que passou então no íntimo de Berta, que tinha suas venetas, e de quem se referiam casos que a gente velha do lugar, e especialmente as pretas da fazenda, atribuíam a uma influência misteriosa e sobrenatural.

² Aqui podemos recorrer, novamente, à metáfora de Rubem Alves em seu texto Sobre jequitibás e eucaliptos.

Associando-se a lembrança original do idiota, disse-lhe a menina, ajudando a palavra com mímica expressiva e apontando para a carta.

- Eu sou til!
Esteve Brás um instante pasmo e boquiaberto, sem compreender, apesar da ânsia com que afinal bateu palmas de contente e deitou a pular, regougando a sua parva risada.
- Eh!... eh!... eh!... Berta, umh!... Berta, umh!...
Daí em diante aquele sinal, que para o idiota era símbolo de graça, da gentileza e do prazer, tornou-se a imagem de Berta, e não se cansava Brás de o repetir, não por palavras, mas por acenos com os meneios mais extravagantes.
Dias depois, chamando-a ele pelo nome, a menina respondeu-lhe:
- Não me chamo mais Berta; meu nome agora é Til.
- Hanh!... fez o idiota com essa interjeição ou bocejo, que na sua bruta linguagem exprimia uma interrogação embasbacada.
- Til!... tornou Berta com a pronúncia clara e vibrante. Forcejou o infeliz para articular o monossílabo; mas só a custo, e ajudado por Berta, o conseguiu. Causou-lhe isso tão intenso prazer, que a todo o instante proferia o nome, e amudando-o trinava com ele, a modo dos pássaros quando em seu crebro gorjeio repicam a mesma nota. Assim identificava com a carta pela estranha afinidade que inventara a estultice do menino, Berta recobrou a esperança que já a ia abandonando. Um dia, Brás com violento esforço e após funda concentração, arrancou dos beijos grossos e flácidos estas palavras truncadas:
- Brás... bem Til... muito... muito!...
Sorriu-se Berta, e agradeceu-lhe com um carinho. (ALENCAR, 2007, p.90 - 91).

3. Considerações Finais:

Todas as obras literárias evocadas provocam interpretações de diversas levando ao leitor a repensar o papel da professora ou do professor em épocas priscas ou atuais, pois, sabemos que a literatura reflete a realidade e influencia no nosso letramento também. A formação literária, poética, artística, humanizadora, jamais envelhece, e continuará sendo a melhor orientação para descobrirmos novos rumos. E o motivo é simples: somente sendo seres humanos poderemos retornar o antigo rumo: humanizar o ser humano.

Uma sala de aula desumanizada é uma sala de aula desumanizadora. Uma sala de aula sem arte, sem criatividade, sem literatura... é um espaço frio, ou demasiado quente, barulhento e, não raro, violento. Se o contrário, numa sala de aula, professor e alunos se esforçam por humanizar-se, certamente assistiremos ao progresso mais importante. O progresso no ser. E, deste progresso, de modo equilibrado, decorrerá o progresso no fazer e no ter. (PERISSÉ, 2006, p.137)

Observada dessa forma, é necessário que se resgatem a história do discurso desses e outros personagens Professores e/ou Educadores - pois não existe prática sem sujeito - brasileiros para que sejam referências aos atuais profissionais da educação, questionando e incentivando-os a ir além de suas limitações burocráticas, buscando um intercâmbio interdisciplinar, uma transformação social a partir de textos teóricos da educação e textos literários.

Entretanto, as instituições educacionais deveriam incentivar a prática da Literatura(o Letramento literário), tomando-a como ponto de partida para formação do leitor de modo geral e da leitura prazerosa sem se desvincular do modo de produção das mesmas ou do contexto a que estão inseridas: sempre apontando para a questão das formações discursivas na forma-sujeito e dos grupos sociais ali inseridos. Tal como Berta faria!

REFERÊNCIAS:

ALENCAR, José de. **Til**. 2. ed. São Paulo : Ediouro, 2007.

ALVES, Rubem. **Sobre jequitibás e eucaliptos – Amor**. In: Conversas com quem gosta de ensinar. Editora Cortez. São Paulo, 1980.

BACK, Eurico. **Fracasso do ensino de português: proposta de solução**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1987.

BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. “Os gêneros do discurso”. 3ª ed. In: ---. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2000, p. 277-326.

BARROS, D.L.P. & FIORIN, J.L. (Orgs) **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1994.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário – teoria e Prática**. São Paulo, Contexto, 2009.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KLEIMAN, A. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, A. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

LAJOLO, Marisa. **Como e por que ler o romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LAROSSA, Jorge. Sobre a lição. In: **Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas**. Belo Horizonte, Autêntica, 1998/2003.

_____. **Literatura, experiência e formação**. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). Caminhos Investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação 2. ed. Rio de Janeiro: editora DP&A, 2002, p. 133-160.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Teoria da Literatura e Ensino de Literatura: o caso brasileiro.** In: *Invasão da Catedral: literatura e ensino em debate.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 52-67.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de Discurso: princípios e fundamentos.** 3.ed., Campinas, SP: Pontes, 2001.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs). **Histórias e memórias da educação no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2004. (Volume 1)

SOARES, M. **Letramento: como definir, como avaliar, como medir.** In: SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros.* Belo Horizonte: Autêntica, 1998a, p. 61-125.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998b.

<http://www.oei.es/quipu/brasil/historia.pdf> Acessado: maio 2011.